

# DIALOGISMO BAKHTINIANO E SUAS INTERFACES COM A SOCIOPRAGMÁTICA

Bruno Gomes Pereira (UFT)  
brunogomespereira\_30@hotmail.com

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo problematizar os diálogos teóricos entre os estudos filosóficos de Mikhail Mikhailovich Bakhtin e as teorias interacionais de Jacob Mey. Nesse sentido, parto da articulação entre tais teorias, de maneira a compreender como estas se convergem e ajudam a fundamentar diferentes pesquisas no âmbito dos estudos linguísticos. A metodologia é do tipo bibliográfico, uma vez que mobilizo estudos da literatura ora referida na tentativa de gerar um debate consistente a respeito dessa articulação. Do ponto de vista interacional, acredito que a confluência entre os estudos supracitados parte da ideia de interdiscurso, uma vez que ambos concebem a linguagem como ferramenta imanente mente dialógica.

**Palavras-chave:** Voz. Dialogia. Interação.

## 1. Introdução

**“A minha consciência tem milhares de vozes, / E cada voz traz-me milhares de histórias, / E de cada história sou o vilão condenado”.**

(William Shakespeare)

O processo de interação é algo inerente à linguagem, uma vez que esta, por si só, agrega diferentes vozes de diferentes discursos que são materializados a partir de situações ligadas à esfera pragmática. Prefiro adotar a ideia de interação como algo processual, uma vez que marca a ressignificação de discursos pré-existentes, de maneira a reproduzi-los fielmente, ou mesmo com pequenas diferenças ideológicas, no momento da comunicação.

Como bem pontua a epígrafe deste artigo, a consciência humana é construída a partir de ideologias e discursivos que permeiam o campo contextual do sujeito, sendo este uma espécie de porta voz das demais vozes que ajudam a constituir a anatomia interdiscursiva. Logo, não estou me referindo à voz do ponto de vista biológico, algo que remeta propriamente a um conjunto de sons vocálicos. A ideia de voz que tomo nesta abordagem está relacionada a situações de empoderamento e relação por meio de tensões sociais. Nesse sentido, compreendo o sujeito como

uma espécie de porta voz de discursos já existentes, embora, dependendo da situação enunciativa, estas vozes e estes discursos possam ser ressignificados.

Esse trabalho tem como objetivo relacionar os estudos de Mikhail Mikhailovich Bakhtin sobre vozes sociais às pesquisas desenvolvidas por Jacob Louis Mey, no campo dos estudos sociopragmáticos. Esta articulação, no entanto, demanda conhecimentos de diferentes áreas do conhecimento, uma vez que tanto o pesquisador russo, quanto o dinamarquês, problematizam as relações de poder no campo enunciativo. Logo, as teorias enunciativas da linguagem buscam em diferentes fontes explicações que possam problematizar este diálogo.

Esse artigo tem como tipo de pesquisa a base bibliográfica, partindo do pressuposto de que mobilizo toda uma literatura científica que versa sobre a compreensão de voz, polifonia, dialogia e enunciação no tocante à problemáticas sociais concretas. Dessa forma, recorro aos pressupostos de várias áreas do conhecimento, entendendo esse movimento como medida essencial para compreensão de voz além das barreiras apenas linguísticas.

Os estudos enunciativos da linguagem são, conseqüentemente, de cunho filosófico, uma vez que problematizam o uso linguístico além da escolha da sintaxe, ou seja, questões relacionadas à emoção, à escolarização, à situação e tantos outros são pontos de interseção para uma articulação que se mostre satisfatória ao pesquisador nos procedimentos de fazer ciência na contemporaneidade.

Além da *Introdução*, das *Considerações Finais* e das *Referências*, esse artigo é composto pelas seguintes principais seções: *A Sociopragmática*; *Os Estudos Filosóficos Bakhtinianos* e *Mey e Bakhtin: Diálogos (im)possíveis*.

## 2. *A sociopragmática*

A sociopragmática é um ramo dos estudos linguísticos que parte do uso concreto da língua em contextos específicos interdiscursivos. Entre os autores desta área, cito o pesquisador dinamarquês Jacob Louis Mey, que problematiza a ideia de vozes sociais, entendendo-as como práticas sociais recriadas a partir de situações interativas concretas, envolvendo enunciadorees específicos dentro de contextos específicos. (MEY, 2001)

Nesse sentido, “o aspecto interativo da expressão em palavras é então: como elas e as pessoas chegam a um consenso sobre coisas” (MEY, 2001, p. 25). De acordo com as palavras do autor, é impossível desvincular a pessoa, da palavra e do contexto em que são operadas. Assim, não é possível supor quaisquer manifestações do uso da linguagem de maneira separada de seu contexto concreto de uso. Logo, a pragmática defendida por Jacob Louis Mey é uma nova perspectiva de se investigar os enunciados linguísticos, o que muito se aproxima dos estudos enunciativos e discursivos da linguística mais tradicional, embora esta se revele um tanto quanto anticartesiana.

Concordo com Kanavillil Rajagopalan (2014), quando o autor propõe uma visão global dos enunciados linguísticos ao serem problematizados. Nessa concepção, a teoria pela teoria não é algo que responde de maneira satisfatória as relações de causa e consequência que tornam a sociedade fragmentada. Isso mostra o esforço de uma nova pragmática que tenta se desvincular de um histórico cartesiano, e tenta assumir-se como uma área mais interdisciplinar, dando margem ao diálogo com outras disciplinas.

Logo, a relação entre língua e sociedade é expandida na medida em que o homem se reconstrói e reconstrói o meio social em que está inserido. Com isso, é pertinente pensar que os estudos enunciativos podem estabelecer diálogos coerentes com a pragmática dinamarquesa que, a cada dia, mostra-se mais liberta dos preceitos dicotômicos de uma linguística mais estrutural. (Cf. BENVENISTE, 2006)

Para tanto, devemos pensar que as relações de causa e efeito, agora também problematizadas pelas investigações pragmáticas, são permeadas por ideologias que conferem propriedades de poder ao enunciador, o que é praticado ou desenvolvido no seio social. O empoderamento a que me refiro é condizente com o proposto no trabalho de Jan Blommaert (2014). De acordo com o autor, “o poder inclui e exclui, produz prestígio e estigma, constrói e destrói. Uma compreensão do poder requer uma atenção voltada para esses aspectos duais” (BLOMMAERT, 2014, p. 67). Portanto, pensar nas relações de empoderamento entre enunciadorees em uma situação concreta de uso linguístico é reconhecer que a linguagem é, por si só, um elemento que confere poder a quem melhor a manuseia. Por outro lado, os estudos pragmáticos mais tradicionais não respondem satisfatoriamente essa natureza dual da linguagem, por isso tenta se reformular constantemente, de maneira a acompanhar as demandas mais atuais das pesquisas em ciências humanas e sociais.

O próprio Jacob Louis Mey (2014) tenta situar seus estudos na interface entre pragmática estruturalista e a Sociopragmática, que nada mais é do que uma nova maneira de complexificar a esfera extralinguística como ferramenta capaz de contribuir com novas ações e aptidões aos estudos da linguagem. Por isso, há a necessidade de se considerar a linguagem como elemento de tensão entre domínios sociais diferentes, gerando relações de poder na medida em que o social é delineado.

Entretanto, é necessário considerar que o poder é uma esfera ideológica que é socialmente marcada pela concepção de legitimação. Concordo com Maurizio Gnerre (1991) quando o autor tenta definir a ideia de legitimação a partir dos estudos textuais da linguagem. Portanto, há a concepção de texto como materialização de vozes, as quais se legitimam na instância social em que opera. Em outras palavras, o poder é resultado da relação de causa e efeito, porém esta relação só é estabelecida a partir do domínio social que legitima as vozes que são materializadas por meio da interação entre enunciadores que adotam o texto e o discurso como veículos que propiciam a relação entre enunciadores em uma situação interativa.

Conforme José Luiz Fiorin (2011), a legitimação é compartilhada por meio da construção enunciativa que se estabelece a partir do envolvimento discursivo do enunciador na esfera interdiscursiva. Nesse sentido, é possível captar as ideologias pragmáticas a partir de determinadas marcas linguísticas que podem revelar a relação de poder e o efeito de causa e consequência.

É partindo dessa concepção que Jacob Louis Mey (2001) tenta definir vozes sociais não como transmissão sonora da fala, mas sim como construções interdiscursivas que, ao serem materializadas, podem diagnosticar as relações de poder que perpassam o meio social. A metáfora da voz, bastante discutida nos estudos enunciativos da linguagem, é que facilita a articulação entre a Sociopragmática e os estudos filosóficos do pesquisador russo, tal como farei em seções seguintes.

A figura abaixo é uma livre adaptação dos estudos do pragmático dinamarquês a partir da ideia tripartídica que fundamenta sua definição de vozes sociais. Para o autor, o contexto social é regido por personagens que se desenvolvem em conformidade com o esquema ilustrativo abaixo.

Conforme a figura abaixo, a concepção dinamarquesa dos estudos pragmáticos sobre vozes sociais é proposta a partir da relação entre a tríade: i) a voz do membro; ii) a voz descritiva; e iii) a voz societal.



**Fig. 1: Tríade de vozes na Sociopragmática.**  
**Fonte: Livre adaptação de Jacob Louis Mey (2001, p. 22)**

A voz do membro nada mais é do que os movimentos discursivos e ideológicos de um determinado participante social no domínio linguístico a que pertence. Desse modo, trata-se do movimento dialógico que os discursos mantêm entre si, considerando que tais discursos preexistem na imaginação da maioria da população. Já a voz descritiva designa a voz do investigador da linguagem que tenta vê-la de uma maneira científica. Em outras palavras, tratam-se das contribuições que os linguistas teóricos apresentam acerca de investigações que versam sobre a língua e a linguagem, sem dissociá-la de seu contexto natural de uso. Por fim, a voz societal designa as construções ideológicas que se firmam a partir da esfera individual para a esfera coletiva. É nesse movimento de trânsito ideológico, que a voz societal é materializada, uma vez que esta obedece a estratégias dialógicas e dialéticas. Não é minha intenção fazer uma revisão teórica exaustiva acerca dos tipos de vozes sob o olhar da pragmática dinamarquesa. Para maiores informações, consultar os trabalhos de Jacob Louis Mey (2014; 2001; 1998).

Bruno Gomes Pereira (2015) avança nesse sentido e propõe que “as vozes societais, ao unirem as esferas pragmáticas, constroem objetos discursivos que significam, ou mesmo ressignificam, as práticas linguísticas dos atores sociais” (PEREIRA, 2015, p. 167). Por isso, tomo a expressão “vozes sociais” como sintetizadora do esquema acima, uma vez que agrega todos os tipos de vozes que Jacob Louis Mey menciona em uma só.

Na próxima seção, faço um panorama sobre os estudos filosóficos de Mikhail Mikhailovich Bakhtin.

### **3. *Os estudos filosóficos bakhtinianos***

Em sua obra “Problemas da Poética de Dostoyewisky” (1984), Mikhail Mikhailovich Bakhtin problematiza o sentido de polifonia e de dialogia a partir da concepção filosófica de voz. Esta concepção, além de influenciar a própria sociopragmática, influenciou também várias outras correntes de estudos da linguagem e da retórica, tal como é possível enxergar nos trabalhos de William F. Hanks (2008), José Luiz Fiorin (2006), Eni Pulcinelli Orlandi (1996), Teun Adrianus Van Dijk (1996), Pierre Bourdieu (1989), só para citar alguns.

Os estudos de Mikhail Mikhailovich Bakhtin influenciaram correntes teóricas distintas por considerar a esfera ideológica de emancipação e materialização discursiva, bem como o próprio nível linguístico como artefato de semiotização de efeitos de causa e consequência bastante ocorridos no contexto social. Nesse sentido, é pertinente falarmos que, no nível do texto, os estudos bakhtinianos não desconsideram a sintaxe textual como uma maneira de se entender a sintaxe social. Logo, concepção de texto enquanto macroestrutura é ponto basilar para dar início a inquietações advindas dos estudos de Mikhail Bakhtin (1999). O teor marxista, imbuído no efeito de causa e consequência, confere potencialidades de todas as naturezas aos enunciadores no processo de empoderamento. Ao ser empoderado, o enunciador passa a ter sua voz legitimada, uma vez que passa a ser ouvido por outros domínios sociais que o tomam como referência. Logo, a ideia de voz em Mikhail Bakhtin é permeada por tensões, conflitos e relações de poder.

Em William F. Hanks (2008), o autor problematiza o texto em seus dois níveis: i) ideológico-discursivo; e ii) linguístico-textual. Na concepção do autor, o texto é a materialização do discurso, logo não pode ser visto como algo neutro. Na verdade, a noção de neutralidade não é algo presente nos estudos de Mikhail Bakhtin e, por conseguinte, nas pesquisas por ele influenciadas.

Do ponto de vista ideológico-discursivo, William F. Hanks (2008) compreende que a esfera discursiva propulsiona efeitos de sentido que levam à materialização do discurso. Portanto, deve-se levar em conta a relação entre língua, cultura e sociedade para compreender e/ou proble-

matizar os efeitos discursivos que a linguagem propõe, a saber a própria constituição de hegemonia e poder social. Tomo esse pressuposto como motivador para compreendermos que a definição de voz depende, também, daquilo que não é linguístico apenas, mas também ideológico. Já do ponto de vista linguístico-textual, o texto passa a ser a célula central de análise por concretizar as ideologias do meio em que opera. No Brasil, esta concepção se assemelha com a proposta de pesquisa da linguística textual, quando propõe o texto como elemento fruto da relação de propriedades de textualidade. Logo, como campo fértil para a análise de vozes sociais.

Já José Luiz Fiorin (2006) opta por ficar na zona fronteira entre texto e sua relação enunciativa. Em outras palavras, o texto é visto como instrumento de mediação entre enunciadores, o que favorece a interação entre usuários da língua. Nesse sentido, o termo “dialogia” é utilizado pelo autor para designar os movimentos dialógicos de construção de efeitos de sentidos do texto ao ser influenciado por quem o produz e por quem o recebe. Nesse sentido, a atribuição de sentido a quaisquer enunciados linguísticos é algo pré-julgado por discursos já existentes que dialogam a partir da visão de mundo dos enunciadores. Dessa forma, entendo que o sentido não está nem no texto, nem em quem o produziu e nem em quem o recebe. O sentido do texto é algo construído a partir da interação de diferentes vozes e discursos que costuram a anatomia social.

Enquanto isso, Eni Pulcinelli Orlandi (1996) destaca-se como grande referência no cenário brasileiro como pesquisadora da análise do discurso de linha francesa. Os estudos da autora são fortemente influenciados pelos postulados de Mikhail Bakhtin ao considerar que tudo que é dito já foi dito por alguém anteriormente. Esse sentido de retomada ajuda a construir os trabalhos de Eni Pulcinelli Orlandi, que tende a ver o sujeito como algo assujeitado ao meio social em que pertence. Em outras palavras, a concepção de leitura de mundo permeia a particularidade discursiva do enunciativo, entretanto não anula as influências de contextos extralinguísticos na construção de vozes sociais. Para a autora, o sentido que atribuímos às vozes sociais sofre interferências psicossociais, pedagógica, familiares, escolares etc.

Vera Lúcia Pires e Fátima Andréia Tamanini-Adames (2010) parecem ser condizentes com o olhar de Eni Pulcinelli Orlandi, delineado acima. Para estas autoras, a concepção de dialogia e polifonia bakhtiniana é fator basilar para se compreender as relações assimétricas de poder no seio social. Elas afirmam que “o discurso, construído a partir do

discurso do outro, nunca está concluso. Então, todo texto é composto de várias vozes que, na polifonia, têm de ser equipolentes” (2010, p. 66). Em síntese, a construção discursiva é multivocálica, no sentido de ser algo em constante construção.

Teun Adrianus Van Dijk (1996), já mais alojado nos estudos que envolvem discurso e cognição, parte dos estudos de Mikhail Bakhtin para problematizar a ideia de interação. Para o autor, há, na verdade, uma espécie de ressignificação discursiva responsável por favorecer as relações dialógicas entre enunciadore. Em outras palavras, o que há, na concepção do autor, é uma nova atribuição de sentido a um discurso que já existe, mas é ressignificado a partir de particularidades emocionais, pragmáticas e cognitivas do enunciador. Logo, o que poderia conferir uma voz de autoridade em um determinado contexto, passa a ter outra denotação a julgar pelos elementos pragmáticos que as circundam.

A pesquisa de Dóris de Arruda Carneiro da Cunha (2011) se aproxima das concepções de Teun Adrianus Van Dijk uma vez que a autora também parte dos estudos enunciativos de Mikhail Bakhtin para problematizar a voz do outro em discursos pré-existent. Para esta pesquisadora, não há discursos inéditos, uma vez que tudo que é dito passa pela esfera da ressignificação ao conferir-lhe novos sentidos e ideologias. A pesquisa de Dóris de Arruda Carneiro da Cunha revela que a presença da voz do outro em discursos propagados em determinados domínios sociais é marcada pelas tentativas de argumentação e persuasão por meio da linguagem em suas várias multimodalidades.

Já os estudos sociológicos de Pierre Bourdieu (1989) herdaram de Mikhail Bakhtin a ideia de multidiscursividade simultânea, bem como a relação de forças que permeia os atos sociais. Na concepção do sociólogo francês, a sociedade é um palco de disputa entre diferentes discursivos, ideologias e linguagens. O empoderamento conferido a determinado grupo social não acontece de forma tranquila, o que caminha para a ideia de linguagem enquanto elemento de conflito. É em meio a tais conflitos e disputas que as vozes dos personagens sociais são redesenhadas de maneira a revelar-se como algo importante para a vivência do homem em sociedade.

Não é minha intenção fazer uma explanação teórica exaustiva sobre vozes sociais em Mikhail Bakhtin e seus seguidores. Para maiores informações, consultar os trabalhos de Beth Brait (2014), Irene Machado



(2014), Valdemir Miotello (2014), Paulo Bezerra (2014), Luiz Francisco Dias (2005), Cristóvão Tezza (2005), só para citar alguns.

Na próxima seção, apresento uma breve articulação entre as concepções de estudos em Jacob Louis Mey e Mikhail Bakhtin.

#### **4. *Mey e Bakhtin: diálogos (im)possíveis***

De acordo com o que apresentei até agora, as concepções de vozes sociais nos estudos da sociopragmática dinamarquesa são condizentes com a visão adota pelo filósofo russo. Entretanto, Mikhail Bakhtin tem um legado inquestionável ao entender que este influenciou de maneira significativa todas as vertentes de estudos das ciências humanas e sociais.

Do contrário do que muitos poderiam pressupor esta seção não se enveredará pela previsibilidade de uma simples articulação entre teorias. Minha proposta tenta avançar com estas discussões que já se encontram em demasia no contexto investigativo universitário.

Para tanto, proponho aqui uma interlocução (im)possível com os estudos aplicados da linguagem que muito tem recebido contribuições dos dois autores agora mencionados. Na linguística aplicada, são comuns a recorrência aos estudos ora investigados na tentativa de responder de maneira satisfatória todas as lacunas deixadas pela problematização apenas da esfera linguística. Como exemplo disso, cito as pesquisas de Marília Curado Valsechi e Ângela Del Carmen Bustos Romero de Kleiman (2014), Carla Lynn Reichmann (2014), Livia chaves de Melo (2015), Bruno Gomes Pereira (2016), só para citar alguns.

*A priori*, considero que os estudos desenvolvidos em linguística aplicada são fontes férteis para diálogos com a proposta social dos estudos sociopragmáticos e enunciativos. Para isso, tomo como informação relevante a consideração de ouvir as vozes suleadas nas pesquisas em linguística aplicada.

A forma verbal “sulear” foi cunhada em Luiz Paulo da Moita Lopes (2006), quando o autor se referia à necessidade de levarmos em consideração grupos sociais marginalizados aos olhos da sociedade. Na concepção do autor, a ideia de suleamento traz à baila questões que a hegemonia social considera irrelevante para serem discutidas em pesquisas maiores. Logo, tratam-se de grupos sociais que têm sua voz não ouvida, ganhando o menosprezo de uma sociedade verticalizada e influenciada

por preconceitos e estereótipos sem procedentes que possam subsidiar tal feito, a julgar que estamos no século XXI, momento em que todas as partes devem ser ouvidas, justamente para entendermos que tipos de vozes suleadas gritam para serem ouvidas e respeitadas.

Ângela Del Carmen Bustos Romero de Kleiman (2013) incorpora a ideia de Luiz Paulo da Moita Lopes como significativa, uma vez que também considera esse suleamento como resultado de uma sociedade preconceituosa, mesquinha e que apresenta resistência para ouvir o vozeiro de grupos deixados à margem. Segundo a autora, é necessário incorporarmos essas vozes suleadas ao nosso cotidiano, uma vez que isso nos ajuda a entender a própria esfera social que tem mostrado fenômenos linguísticos bastante peculiares, oriundos da demanda social do século vinte.

No campo da educação, esse pressuposto tem ganhado mais notoriedade, uma vez que o curso de formação de professores é, historicamente, marcado pela displicência e pela falta de investimento de políticas públicas que viabilizem uma otimização e um progresso de suas habilidades.

Marília Curado Valsechi e Ângela Del Carmen Bustos Romero de Kleiman, por exemplo, problematizam a voz do estagiário na escola, sendo este uma espécie de espião infiltrado no ambiente escolar, haja vista que não se encaixa como professor efetivo, nem como aluno regular da escola, nem como em nenhum papel de funcionário da escola básica. Este entrelugar em que o aluno-mestre se encontra é suficiente para neutralizar sua imagem diante do quadro de professores efetivos. A pesquisa das autoras comprova a desvalorização histórica do estagiário nas escolas de educação básica ao revelar uma espécie de anulação do papel do estagiário em exercício no campo de estágio.

Carla Lynn Reichmann (2014), também inserida no campo interdisciplinar da linguística aplicada, ajuda a complexificar o contexto de estágio supervisionado. A autora analisa relatórios de estágio supervisionado, mais precisamente como a voz do professor da educação básica interfere no trabalho do aluno-mestre como estagiário de língua estrangeira. De acordo com a investigação, “análise permitiu constatar que emergem vozes docentes significativas, convocadas do passado e do presente, ressaltando-se a importância vital da voz da professora colaboradora na escola-campo”. (REICHMANN, 2014, p. 33)

Lívia Chaves de Melo (2015) parte dos estudos enunciativos de Mikhail Bakhtin para compreender como a voz do outro é projetada em relatórios de estágio supervisionado de língua portuguesa e inglesa, produzidos por alunos-mestre de uma licenciatura em letras, no interior do Tocantins. Para a autora, a prática de citação pode ser tomada como um recurso semântico ao utilizar-se da voz do outro para legitimar sua própria voz. Nesse sentido, Lívia Chaves de Melo lida com o desalinho entre escola e universidade evidenciados pelo apoio do aluno-mestre às citações de natureza científica e não científica, mas que, na visão do estagiário, ajudava a conferir mais crédito ao que escrevia.

Em minha pesquisa de doutoramento, analisei como a escrita acadêmica de relatórios de estágio e de resenhas acadêmicas podem influenciar na construção de vozes de alunos-mestre, bem como na construção de objetos de ensino que pudessem minimizar as problemáticas da escrita na universidade. (Cf. PEREIRA, 2016)

Tendo apresentado diversas possibilidades de contribuições dos estudos sociopragmáticos e enunciativos da linguagem às pesquisas desenvolvidas em linguística aplicada, passo agora às minhas considerações finais.

## 5. *Considerações finais*

Este artigo apresentou diversas possibilidades de articulações entre os estudos dinamarqueses da sociopragmática de Jacob Louis Mey e dos estudos filosófico-enunciativos de Mikhail Bakhtin. Nesse sentido, tomo estas possibilidades como articulações coerentes ao percurso de pesquisa em linguística aplicada, dada sua natureza interdisciplinar por excelência.

Dessa forma, sugiro que a problematização sobre a definição do termo “vozes sociais” seja mais amplamente divulgada, o que renderia interessantes debates de distintas áreas do conhecimento. Nesse sentido, este artigo apresenta as articulações propostas como alternativas interessantes para diálogos teóricos posteriores.

Em síntese, espero ter contribuído, mesmo que minimamente, para as demais pesquisas da área da linguagem, tendo em vista a natureza coerente de aplicabilidade dos estudos enunciativos e pragmáticos a quaisquer outras investigações que versam sobre problemáticas sociais diversas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: HUCITEC, 1999.

\_\_\_\_\_. *Problems of Dostoevsky's Poetics*. London: University of Minnesota Press, 1984.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral II*. Campinas: Pontes, 2006.

BEZERRA, Paulo. Polifonia. In: BRAIT, Beth. (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2014, p. 191-200.

BLOMMAERT, Jan. Ideologias linguísticas e poder. In: SILVA, Daniel do Nascimento e; FERREIRA, Dina Maria Martins; ALENCAR, Claudiana Nogueira de. (Orgs.). *Nova pragmática: modos de fazer*. São Paulo: Cortez, 2014, p. 67-77.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa: Bertrand Brasil, 1989.

BRAIT, Beth. Alguns pilares da arquitetura bakhtiniana. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2014, p. 7-10.

CUNHA, Dóris de Arruda Carneiro da. Formas de presença do outro na circulação dos discursos. *Bakhtiniana*, São Paulo, vol. 1, n. 5, p. 116-132, 1º semestre 2011.

DIAS, Luiz Francisco. Significação, e forma linguística na visão de Bakhtin. In: BRAIT, Beth. (Org.). *Bakhtin: dialogia e construção do sentido*. Campinas: UNICAMP, 2005, p. 99-107.

FIORIN, José Luiz. A linguagem em uso. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *Introdução à linguística: objetos teóricos*. São Paulo: Contexto, 2011, p. 165-186.

\_\_\_\_\_. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2006.

GNERRE, Maurizio. *Linguagem, escrita e poder*. São Paulo: Fontes, 1991.

HANKS, William F. *Língua como prática social: Das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin*. São Paulo: Cortez, 2008.

KLEIMAN, Ângela Del Carmen Bustos Romero de. Agenda de pesquisa e ação em linguística aplicada: problematizações. In: MOITA LOPES,

Luiz Paulo da. (Orgs.). *Linguística aplicada na modernidade recente: Festschrift para Antonieta Celani*. São Paulo: Parábola, 2013, p. 39-58.

MACHADO, Irene. Gêneros discursivos. In: BRAIT, Beth. (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2014, p. 151-166.

MELO, Livia Chaves de. *Formas linguísticas de inscrição do outro e do eu-mesmo na escrita reflexiva acadêmico-profissional de relatórios de estágio de professores de língua*. 2015. Tese (Doutorado em Ensino de Língua e Literatura). – Universidade Federal do Tocantins, Araguaína.

MEY, Jacob Louis. Sequencialidade, contexto e forma linguística. In: SILVA, Daniel do Nascimento e; FERREIRA, Dina Maria Martins; ALENCAR, Claudiana Nogueira de. (Orgs.). *Nova pragmática: modos de fazer*. São Paulo: Cortez, 2014, p. 129-144.

\_\_\_\_\_. *Sequencialidade, contexto e forma linguística*. As vozes da sociedade: seminários de gramática. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

\_\_\_\_\_. Sequencialidade, contexto e forma linguística as vozes da sociedade: letramento, consciência e poder. *DELTA*, vol. 14, n. 2. São Paulo, 1998.

MIOTELLO, Valdemir. Ideologia. In: BRAIT, Beth. (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2014, p. 167-176.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Uma linguística aplicada mestiça e ideológica: interrogando o campo como linguista aplicado. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *Por uma linguística aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006, p. 13-44.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Discurso e leitura*. São Paulo: Cortez, 1996.

PEREIRA, Bruno Gomes. *Relocalização de saberes acadêmicos de professores em formação inicial na escrita acadêmica convencional e reflexiva*. 2016. Tese (Doutorado em Ensino de Língua e Literatura). – Universidade Federal do Tocantins, Araguaína.

\_\_\_\_\_. Jacob Mey e a teoria das vozes sociais: um olhar sociopragmático. *Cadernos do CNLF: Análise do Discurso, Linguística Textual e Pragmática*. Rio de Janeiro, vol. XIX, n. 01, p. 163-170, 2015.

PIRES, Vera Lúcia; TAMANINI-ADAMES, Fátima Andréia. Desenvolvimento do conceito bakhtiniano de polifonia. *Revista Estudos Semióticos*, vol. 2, n. 6, p. 66-76, 2010.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. Da arrogância cartesiana à “nova pragmática”. In: SILVA, Daniel do Nascimento e; FERREIRA, Dina Maria Martins; ALENCAR, Claudiana Nogueira de. (Orgs.). *Nova pragmática: modos de fazer*. São Paulo: Cortez, 2014, p. 11-14.

REICHMANN, Carla Lynn. A professora regente disse que aprendeu muito: a voz do outro e o trabalho do professor iniciante no estágio. *Raído*, Dourados, vol. 8, n. 15, p. 33-44, jan./jun. 2014.

TEZZA, Cristóvão. A construção de vozes no romance. In: BRAIT, Beth. (Org.). *Bakhtin: dialogismo e construção do sentido*. Campinas: UNICAMP, 2005, p. 209-217.

VALSECHI, Marília Curado; KLEIMAN, Ângela Del Carmen Bustos Romero de. O estágio supervisionado e a voz do outro. *Raído*, Dourados, MS, vol. 8, n. 15, p. 13-32, jan./jun. 2014.

VAN DIJK, Teun Adrianus. *Cognição, discurso e interação*. São Paulo: Contexto, 1996.